

ÉTICA: DA REFLEXÃO À PRÁTICA, NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE MUSICOTERAPIA

Ethics: From Reflection to Practice of Musical Therapy Students' Education

Paula Harada²; Noemi Ansay³

26

Resumo: A pesquisa⁴ investiga como os estudantes de musicoterapia entram em contato com a reflexão sobre a Ética e como a incorporam na prática durante sua formação acadêmica. A metodologia consiste na pesquisa documental e no grupo focal formado por sete estudantes do terceiro e do quarto anos do curso de Bacharelado em Musicoterapia de uma instituição de ensino superior do estado do Paraná em 2013. O exame dos dados foi realizado a partir da análise de conteúdo de Bardin (1979), da qual emergiram os quatro eixos para discussão: I) Ética e indivíduo; II) Ética na profissão; III) Ética na formação e IV) Ética normativa. A pesquisa contribuiu para a reflexão acerca da Ética em Musicoterapia, tanto na formação acadêmica quanto no exercício da profissão de musicoterapeutas.

Palavras-chave: Ética; Musicoterapia; Graduação.

Abstract: This paper inquires how third and fourth years students of Music Therapy in a Paraná's undergraduate institution, in the year of 2013, get in touch with reflections about ethics and how they incorporate it in practice, during academic years. The methodology consists in documentary research and a seven students' focus group. The data analysis occurred based on Bardin's (1979) content. Four axis are discussed: I) Ethics and subject; II) Professional ethics; III) Undergraduating ethics; and IV) Normative ethics. The research contributed with ethic reflection in music therapy, both in academic years and professional exercise of music therapists.

Keywords: Ethics; Music therapy; Undergraduate.

²Bacharela em Musicoterapia pela UNESPAR - campus FAP, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1598818449232169>. Contato: paulaaharada@gmail.com.

³Docente do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR - campus FAP, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>. Contato: noemiansay@gmail.com

⁴Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FAP, nº 2189.

INTRODUÇÃO

*Não é obscuro. O que é ético é inspirador, atraí.
(Eva⁵, encontro 4)*

Ser musicoterapeuta implica na construção de um profissional que, preocupado com a qualidade de vida humana, presta cuidados às pessoas por meio de experiências com a música e seus elementos, havendo, portanto, nesta atividade, a necessidade de uma postura ética, como em todas as atividades humanas.

Esta pesquisa investiga como estudantes, dos anos finais do curso entram em contato com a reflexão sobre a Ética e como a incorporam na prática, durante sua formação acadêmica. A escolha do tema do presente trabalho partiu destas reflexões vistas como práticas de liberdade, autonomia e compromisso com a vida humana. Como ética é um tema amplo e oferece muitas possibilidades, o que se deseja problematizar é sua presença na comunidade acadêmica e sua relação com a prática profissional.

O caminho escolhido para a investigação aliou a pesquisa documental⁶ à metodologia do grupo focal, em que sete estudantes reuniram-se com a pesquisadora e discutiram as diferentes dimensões do tema. Os encontros foram gravados e, após a transcrição e análise do conteúdo dos dados (BARDIN, 1979), emergiram estes quatro eixos para a discussão: I) Ética e indivíduo; II) Ética na profissão; III) Ética na formação e IV) Ética normativa.

ÉTICA E MUSICOTERAPIA

A palavra Ética deriva de *ethos*, do grego, e significa caráter e modo de ser. Remete, ainda, a costumes e valores que distinguem uma comunidade de

⁵A privacidade das participantes da pesquisa está garantida tal como firma o termo de compromisso; portanto, todos os nomes são fictícios (TRAD, 2009).

⁶ Códigos de Ética das associações brasileiras de Musicoterapia e a grade curricular dos cursos de Musicoterapia no Brasil.

outra. Pode, também, designar a morada humana, o “lugar onde vivemos” (MEIRA, 2006, p.72).

A ciência da Ética tem como objeto de estudo a Moral (NALINI, 2001). Esta refere-se aos costumes, mas evidencia o relacionamento do indivíduo com a sociedade. Já a filosofia ética é uma disciplina teórica que visa explicar e esclarecer a prática moral, suas condições objetivas e subjetivas, tal como suas fontes de avaliação moral (VÁZQUEZ, 1975).

Deste modo, a Ética é, ainda, um extenso acúmulo histórico de produções filosóficas, sociológicas, entre outras, que datam da antiguidade até os dias atuais (ARISTÓTELES, 1987; NALINI, 2001; SILVA, 2001; KANT, 2003; MEIRA, 2006). Os filósofos Aristóteles e Kant são responsáveis pela formação de suas bases conceituais.

Para Aristóteles, o homem pode ser educado, e assim é capaz de praticar a Ética (SILVA, 2001). A educação, no entanto, só é possível no viver comum. Deste modo, justamente porque vive em comunidade, o homem é um ser político e ético, tendo a família um papel importante na educação moral, a qual proporcionará a ciência da Ética. Para o filósofo, as ciências estavam divididas em técnicas, teoréticas e práticas.

Nas ciências práticas estavam incluídas a Ética e a Política, com a finalidade de buscar o desenvolvimento humano para uma existência melhor. Esta busca caracteriza a felicidade, o bem que, para além de um estado emocional, é a própria atividade daqueles que praticam a virtude, vivendo segunda a razão, característica singular do homem (SILVA, 2001). Assim, Aristóteles defende que todas as coisas tendem para o bem, já que o homem, sendo naturalmente político, teria a necessidade ética de buscar o bem.

Diferentemente, Immanuel Kant apresenta, não o bem, mas o dever, defendendo que o dever necessita ser cumprido a fim do próprio dever. Ao seguir a lei que o próprio homem criou, as leis éticas foram tidas por Kant como sinônimo das leis da liberdade, “as quais se dividem em morais e jurídicas” (SILVA, 2001, p.65). Assim, Kant propôs o princípio do *imperativo categórico*, partindo da concepção de que todos os seres humanos nascem com capacidade de distinguir entre certo e errado. E cada um, portanto, deveria agir

da forma que desejasse que tal conduta se tornasse lei universal, válida para todas as pessoas e situações.

As bases conceituais da Ética, trazidas por Aristóteles e Kant, influenciaram os demais pensadores e suas respectivas concepções de homem e de mundo. Além disso, tal tradição filosófica trouxe contribuições incontestáveis para o pensamento ético ocidental, no que tange às normas da vida social e dos valores da vida humana.

Como forma de iniciar a investigação da Ética na Musicoterapia, foi feita uma revisão bibliográfica no site institucional da União Brasileira das Associações de Musicoterapia⁷ (UBAM), constatando que, na atualidade, não há referências ao Código de Ética da profissão. No entanto, a partir do site da Associação Baiana de Musicoterapia houve contato com um código de Ética sugerido pela UBAM, cujo prefácio sintetiza seus seis capítulos:

O musicoterapeuta filiado à Associação de Musicoterapia deve utilizar suas habilidades profissionais na sua prática, segundo as normas aqui estabelecidas. Essas normas visam resguardar a integridade e o bem-estar do cliente, bem como proteger a comunidade profissional e a sociedade (Código de Ética da Musicoterapia sugerido pela UBAM⁸).

Das onze associações brasileiras de Musicoterapia, dez⁹ utilizam como código de ética o documento sugerido pela UBAM, sem alteração de conteúdo. Por fim, a Associação de Musicoterapia do Paraná (AMT-PR) fez uma reformulação do código em 18 de outubro de 2011, abordando os princípios gerais e fundamentais da profissão, suas responsabilidades, direitos e questões necessárias ao cumprimento do Código de Ética.

Em continuidade à revisão bibliográfica, foram examinadas as edições da Revista Brasileira de Musicoterapia¹⁰ do período compreendido entre 1996 e 2012. No primeiro ano de edição foi encontrado um artigo escrito por Diego Schapira (1996), no qual o imbricamento dos elementos de teoria, linguagem e

⁷ Disponível em <http://www.musicoterapia.mus.br>. Acesso em: 07 mai. 2013.

⁸ Disponível em: <http://www.asbamt.com/> Acesso em: 10 mai. 2013.

⁹ AMT-MG; AMT-RS; AGAMUSI; AMT-RJ; AMT-PI; SGMAT; AMT-DF; ASBAMT; APEMESP; AMT-NE.

¹⁰ Disponível em <http://revistademusicoterapia.mus.br/edicoes.html>. Acesso em: 10 mai. 2013.

Ética são apresentados como necessários para a Musicoterapia, já que, isolados, carecem de sentido para a construção das proposições teóricas. Especificamente sobre a Ética, o autor aponta atitudes profissionais relacionadas à produção científica da área, concomitantes com a atuação clínica da Musicoterapia (SCHAPIRA, 1996).

Na edição da revista do ano de 2004, encontrou-se o artigo “Ética na pesquisa em Musicoterapia” que aborda a questão título a partir da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, “que estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos”(SANTOS, 2004, p.45). Afirmando o caráter social das pesquisas, o autor defende a prática dos Comitês de Ética em Pesquisa na forma de comitês multi e transdisciplinares.

Na publicação do ano de 2009 encontra-se o artigo de Junior, Sá e Bachion (2009, p.2) que propõe o diálogo da Musicoterapia com a Bioética, trazendo questões sobre o “respeito à dignidade da pessoa humana e a tomada de decisões sobre dilemas éticos e morais [...]”. Mencionando o processo de construção do Código de Nuremberg de 1947¹¹, pontuam situações e atitudes profissionais de musicoterapeutas, consideradas iatrogênicas ou “erros musicoterápicos”, que só poderão ser evitados, segundo os autores, quando imersos na responsabilidade ética e moral da prática da Musicoterapia.

Esta revisão bibliográfica pôs em questão a escassa produção científica brasileira referente às pesquisas que tratam da Ética na Musicoterapia.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve caráter qualitativo, se caracterizando pela busca dos sentidos e significados de processos psíquicos, a compreensão da vida mental, com a interpretação dos significados de uma experiência (FLICK, 2004; RUUD, 1998).

¹¹Elaborado no Tribunal Internacional de Nuremberg quando foram julgadas as intervenções de pesquisas que, durante a Segunda Guerra Mundial, não conservavam nenhum respeito pela dignidade dos seres humanos. Este encaminhou as normas para a pesquisa, a fim de garantir que não se causassem mais danos, mortes ou invalidez para os participantes.

A aproximação ao campo de pesquisa teve início por meio de uma investigação documental dos códigos de ética utilizados pelas associações de Musicoterapia e dos currículos dos nove cursos brasileiros de graduação em Musicoterapia¹², averiguando quais deles possuem disciplinas cuja ementa contempla a ciência da Ética. A pesquisa documental permite a investigação dos documentos, descrevendo e comparando usos e costumes, assim como tendências, diferenças e outras características (CERVO; BERVIAN, 1996).

Em seguida, foi realizada a coleta de dados por meio do grupo focal. De acordo com Dias (2000), os grupos focais são constituídos por reuniões de pequenos grupos de pessoas em interação, para avaliar conceitos ou identificar problemas, a partir dos tópicos sugeridos pelo pesquisador (DIAS, 2000; FLICK, 2004; GONDIM, 2003; TRAD, 2009).

O objetivo central do grupo focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade. Seus objetivos específicos variam de acordo com a abordagem de pesquisa. Em pesquisas exploratórias, seu propósito é gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador enquanto que, em pesquisas fenomenológicas ou de orientação, é aprender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências (DIAS, 2000, p.143).

Assim sendo, foram realizados quatro¹³ encontros com o grupo focal no Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia (CAEMT) da UNESPAR - FAP. As reuniões foram gravadas em áudio e vídeo para serem, posteriormente, transcritas e analisadas. Dos 19 estudantes de terceiro e quarto anos¹⁴, apenas sete participaram, sendo todos do sexo feminino, com uma desistência no segundo encontro.

A pesquisadora exerceu, simultaneamente, o papel de mediadora dos encontros do grupo focal. Neste aspecto, exigiu-se atenção para que sua

¹² FAP-PR; UFMG; EST-RS; CBM-CEU RJ; EMAC-UFG; FMU-SP; FPA-SP extensão; FPA-SP; UNISA-SP.

¹³ Estabelecidos devido ao cronograma da pesquisa e a disponibilidade das participantes.

¹⁴ Foram escolhidos apenas estudantes dos anos finais do curso por estes terem maior experiência nos estágios em Musicoterapia, assim como uma visão mais ampla do bacharelado que cursam. Outro critério de escolha foi a quantidade indicada de participantes do grupo focal (DIAS, 2000; GONDIM, 2003; FLICK, 2004; TRAD, 2009).

proximidade com o universo de pesquisa e também com as participantes não prejudicasse a investigação. Algumas atribuições do mediador são: introduzir e fomentar a discussão, garantindo um debate aprofundado (TRAD, 2009).

Deste modo, foram trabalhados nos encontros, quatro tópicos centrais com direcionamentos previamente estruturados: Conceito de Ética; Ética na formação; Ética na profissão e Ética humana.

- Encontro 1 - Tópico central - Conceito de Ética

No primeiro encontro foi apresentado a metodologia da pesquisa e o termo de consentimento livre e esclarecido (FLICK, 2004). Em seguida, as participantes expressaram por escrito e debateram a consigna “tudo que vem na cabeça quando vocês pensam em Ética”.

- Encontro 2 - Tópico central - Ética na formação

A partir da leitura de trechos da transcrição do primeiro encontro, seguiu-se o debate acerca do conceito de Ética. Num segundo momento, dados sobre os currículos dos cursos de Musicoterapia do Brasil foram apresentados, fomentando a reflexão sobre o papel da Ética na formação acadêmica daquelas estudantes.

Neste encontro umas das participantes se desliga da pesquisa e outra falta por motivos de saúde.

- Encontro 3 - Tópico central - Ética na profissão

Em continuidade ao que se trabalhou no segundo encontro, foram formuladas as questões: “Quando foi a primeira vez que ouviram falar sobre Ética na graduação” e “De que forma isso interfere na prática de vocês”. Após esta investigação, apresentou-se ao grupo o mapa do território brasileiro com a localização das associações brasileiras de Musicoterapia e seus Códigos de

Ética. As participantes destacaram, em duplas, aspectos dos códigos de Ética da AMT- PR e da UBAM.

- Encontro 4 - Tópico central - Ética humana

Este último encontro foi pautado pelo questionamento acerca dos objetivos das participantes quanto aos seus papéis acadêmico e profissional. O tema da sessão anterior, Ética na profissão, foi retomado levando as participantes a pensar em como se relacionam com a associação do estado em que estudam e como seria uma profissão sem considerar a Ética. Na sequência, as estudantes foram questionadas sobre os objetivos que tinham quando ingressaram no curso, e quais são, hoje, os objetivos que têm em relação à profissão de musicoterapeuta e como isso se relaciona com a Ética?”

Tal como Flick sugere para o grupo focal (2004, p.133), a técnica analítica para os dados coletados consistiu na análise de conteúdo de Bardin, sendo esta “um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não)”(1979, p.42), o que permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens.

Deste modo, da análise das falas das participantes emergiram 14 unidades. Para favorecer o exame científico e minimizar as limitações da metodologia, recorreu-se à gravação das falas e aos indicadores quantitativos da frequência das unidades. A partir destes procedimentos foram selecionadas as quatro unidades com maior frequência: Ética e indivíduo; Ética na profissão; Ética na formação; Ética normativa.

A metodologia do grupo focal apresenta, entre suas limitações, o fato deste não poder ser replicado e a possibilidade das discussões serem desviadas ou dominadas por poucas pessoas (GOMES; BARBOSA, 1999; DIAS, 2000; GONDIM, 2003; FLICK, 2004; TRAD, 2009).

ÉTICA E INDIVÍDUO

É aquilo em que você acredita. É o que vem na cabeça quando você opta em não bater em alguém (Bruna, encontro 1).

A unidade 'Ética e indivíduo' foi o eixo de análise em que falas foram mais recorrentes. As palavras *crenças, valores e respeito* permearam as falas das participantes em todos os encontros. Acompanhadas, ainda, de outras palavras-chave como *consciência, integridade, confiança, competência, dignidade e princípios*, faziam referência aos empreendimentos individuais.

A partir de Vázquez (1975), este domínio pessoal permite desenvolver uma autêntica conduta moral, pois conduz à consciência da responsabilidade pessoal. Chauí complementa: "Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício" (2004, p.445). No que se refere a essa dimensão singular, Dora compartilha a seguinte elaboração: "Sim, se a consciência dela está tranquila em relação a isso. Aqui entra a ética pessoal, interna."(encontro 1).

No entanto, as falas do grupo sugerem um possível a-historicismo moral, quando se referem ao homem e sua consciência, como origem da Moral. Esse a-historicismo remete a uma compreensão da Ética que ignora o processo histórico de sua necessidade e tende para uma visão do homem como ser de essência eterna e imutável, qualquer que seja seu contexto histórico e social. Com isso, a "Moral constituiria um aspecto desta maneira de ser, que permanece e dura através das mudanças históricas e sociais" (VÁZQUEZ, 1975, p.26). Esta afirmação, no entanto, não se sustenta quando se reconhece a Moral como uma necessidade social, compreendendo o que fez parte do processo para que em determinado tempo e cultura ela fosse entendida desta ou daquela maneira.

A realização da moral não é somente um empreendimento individual, mas também social, isto é, não somente processo de moralização do

indivíduo e sim processo de moralização no qual influem, de maneira diversa, as diversas relações, organizações e instituições sociais (VÁZQUEZ, 1975, p.205).

Uma das hipóteses para a recorrência dessa dimensão da Ética, relacionada ao aspecto individual, é a de que as participantes estudam uma área do conhecimento humano que as familiariza com uma compreensão do homem em sua singularidade.

Assim, quando se discute a ética individual não se renuncia a importância dos empreendimentos individuais, mas se aponta a necessidade de articulá-los com os sociais. A fala transcrita abaixo exemplifica as considerações deste domínio pessoal da Ética que são importantes na prática musicoterapêutica.

[...] a questão do terapeuta é entender a partir da perspectiva ética do outro, ou seja, na terapia, eu sou a terapeuta e você é a participante ou paciente; tenho que entender como você entende a vida, suas crenças e valores, e a partir disso a gente vai construindo. Não é o que eu sei, é esse respeito pelo outro, pelo indivíduo, pelo jeito que ele vê a vida, pelo jeito que ele funciona. Então a Ética interfere na minha prática, nesses dois sentidos (Bruna, encontro 3).

Por mais determinantes que sejam as condições objetivas e coletivas, a decisão propriamente dita e o ato partem de um indivíduo que assume uma responsabilidade moral quando age livre e conscientemente (VÁZQUEZ, 1975). A liberdade é um dos problemas fundamentais da Ética. Parte-se, aqui, da premissa de que o ser humano é capaz de liberdade, é singular.

Portanto, para responsabilizar moralmente o sujeito de seus atos, é condição que este tenha consciência das circunstâncias e consequências de seu comportamento, pelo qual agiu sem ser forçado (VÁZQUEZ, 1975). No grupo focal, identificaram-se falas que ampliaram o debate para o aspecto social e de liberdade, para além das afirmações de que, “Ética é aquilo em que você acredita” (Bruna, encontro1),

Numa favela, por exemplo, um menino cresce acreditando que roubar é algo legal e certo, e que a desigualdade social leva a isso. Porque o tio tem um carro gigantesco e eu nem uma bicicleta tenho? E ele acredita,

ele cresce acreditando nisso, e vai fazer disso uma ação, uma práxis na vida dele. Ele estaria sendo ético porque é naquilo que ele acredita. É isso que você tá dizendo? É o melhor que ele tá fazendo pra ele! Ao invés de ele ficar sem comer uma bolacha, ele rouba a bolacha pra comer (Mariah, encontro 1).

Uma vez incorporado este caráter social da Moral, as participantes da pesquisa trouxeram formulações como “em uma cultura ou um período, um comportamento vai ser eticamente correto, em outro não. [...] Ética é construída social e culturalmente” (Pietra, encontro 1). Considerou-se, portanto, a estreita relação do progresso histórico-social com a Moral, reconhecendo as condições objetivas para a realização de determinada moral em uma dada sociedade, apontando a mutabilidade desta de acordo com os planos econômicos, político-sociais e espirituais da vida (VÁZQUEZ, 1975).

No decorrer dos encontros, os debates levaram o grupo a diferenciar Moral e Ética. O enfoque individual passou a incorporar a função social da Moral, na medida em que o grupo reconhecia que a esta cumpre necessidades e interesses de um indivíduo que é concomitantemente social (VÁZQUEZ, 1975; MEIRA, 2006).

ÉTICA NA PROFISSÃO

E vai trabalho, né? Às vezes a formiguinha é tão pequena, tão imperceptível, que parece que não está acontecendo nada, mas está acontecendo muita coisa (Pietra, encontro 4).

Este eixo de análise partiu das falas, no grupo focal, que explanavam sobre a Ética em sua dimensão profissional. Abordou, ainda, o Código de Ética da Musicoterapia e a postura das participantes enquanto musicoterapeutas.

Desde que o gênero humano atingiu sua natureza social, na convivência, fez-se necessária a Moral. Ela visa assegurar “a concordância do comportamento de cada um com os interesses coletivos.” (VÁZQUEZ, 1975, p.28). Ao refletir sobre a Moral, esta se transforma, em uma relação dialética de Ética e Moral (VALLS, 1994; NALINI, 2001; SILVA, 2001; MEIRA, 2006).

Portanto, por esta teoria, a Moral não pode se distanciar das questões prático-morais, uma vez que ela é condição de existência da Ética.

Tendo em vista estas questões prático-morais, promoveu-se no grupo focal o debate da Ética na profissão. Este foi fomentado, a partir da apresentação do mapa do território brasileiro, pela localização das onze associações brasileiras de Musicoterapia e os respectivos códigos de Ética. Ressalta-se a dificuldade em reunir estas informações junto às associações, uma vez que nem todos os destinatários dos endereços eletrônicos (*e-mails*) das instituições deram resposta e os *sites*, em sua maioria, não mencionam o código de Ética utilizado. Essas falhas levaram a pesquisadora a entrar em contato com musicoterapeutas das regiões contactadas para obter informações sobre cada Código de Ética.

Reunidas em duplas, as participantes expuseram os pontos que mais lhes chamaram a atenção no código sugerido pela UBAM e no da AMT-PR. Os artigos mais debatidos eram referentes ao “Capítulo II - Responsabilidades” do código da AMT-PR, confirmando, nas falas, que a reflexão sobre o que é ético na postura do musicoterapeuta, por vezes, se limita à garantia do sigilo, que é pertinente, mas não a única responsabilidade.

Legitimando esta abrangência da Ética, na postura do profissional, para além do sigilo, foram apresentadas experiências práticas dos estágios curriculares. E as participantes debateram as seguintes questões: os limites da religião nas intervenções musicoterapêuticas; os desafios do trabalho multidisciplinar em se reconhecer “até onde a Psiquiatria pode ir, até onde a Psicologia pode ir” (Eva, encontro 3); o momento de se finalizar o processo musicoterapêutico e o envolvimento da postura pessoal com a postura profissional.

A respeito deste envolvimento da postura pessoal com a profissional, foi retomada a consideração inicial da pesquisa que diz que os sujeitos que buscam o curso de Musicoterapia apresentam um comprometimento com a qualidade de vida humana, uma responsabilidade ética humana universal (FREIRE, 1996) a partir da qual se desenvolve a postura profissional.

No quarto encontro, as estudantes colocaram que entre seus objetivos no curso de Musicoterapia, estava o da busca pessoal de cuidado com o mundo, e que durante o curso este se transformou, adquirindo um caráter mais objetivo.

Mudar o mundo é relativo, não é mudar literalmente. Uma atitude sua com uma pessoa, um sorriso que você ganha. Nisso eu acredito hoje, vendo na prática, é essa a mudança de mundo que você faz. Quando você está ali tocando com a pessoa, e ela olha pra você e sorri, cara, vale a pena tudo na hora, faz valer a pena tudo o que você tá passando (Dora, encontro 4).

Eu quero mudar o mundo, mas é bem isso, você percebe que você consegue, mas não é com aquela questão de mudar tudo, são as pequenas mudanças. Eu não vou curar as pessoas mas posso auxiliar, pra que a pessoa viva a vida da maneira que ela é, que ela se encontre no mundo. “Ah, ela é diferente?”, sim! E é desta maneira diferente que ela vai viver. Parece que você começa a compreender assim, como funcionam as coisas (Cecília, encontro 4).

Freire (2005) complementa que o amor é um ato de coragem, e que em conjunto com a humildade e a fé no ser humano e no mundo, é possível realizar a verdadeira transformação deste junto à formação do cidadão. Tal postura possibilita o diálogo, o qual produz autonomia e liberdade, fundamental quando se discute Ética. A autonomia foi defendida pelas participantes do grupo focal como necessária na prática musicoterapêutica em concordância com Junior, Sá e Bachion (2009) que defendem uma prática imersa na responsabilidade ética e moral.

Porém, tal como no eixo mais recorrente, o tema “Ética na profissão” analisou, nas falas das participantes, o predomínio de reflexões no âmbito singular, no qual as estudantes problematizavam antes a conduta do profissional no contexto clínico, o que se evidenciou nos exemplos práticos trazidos, e mesmo com a sessão sobre o Código de Ética que se destaca no debate: “Capítulo II - Sessão I - Das responsabilidades com o indivíduo atendido”.

Pouco se trouxe nos debates acerca da profissão enquanto um coletivo, em relação a que Santos argumenta em sua tese, “O mais importante é saber que esse cordão heterogêneo trará para si a missão de operar por um

interesse coletivo.” (2011, p.86). Portanto, "a Ética não é, então, uma abstração acadêmica, mas uma das maneiras de ajudar a preservação não só das profissões, como da nossa própria espécie", como traz Silva (2001, p. 17), contemplando o que foi discutido da relação entre a postura do musicoterapeuta e a ética humana e profissional.

ÉTICA NA FORMAÇÃO

A gente entra apaixonado no curso, mas ainda não sabe o que é, acha que é qualquer coisa que a gente vê num filme, e não. São as coisas muito mais simples, é lindo, as relações humanas, pra mim é o que eu mais vejo e falta um ano pra ver mais ainda! (Dora, encontro 4).

Esse eixo foi permeado pelos debates e conclusões dos quatro encontros do grupo focal. Para iniciar o debate, apresentaram-se os currículos dos nove cursos brasileiros de Musicoterapia. Destes, apenas os da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC - UFG), das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU - SP) e do Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário (CBM-CEU RJ) disponibilizam uma disciplina cuja ementa contempla a ciência da Ética. A partir desses dados, as estudantes discutiram como ocorre o ensino da Ética na instituição de ensino a que pertencem.

O grupo informou que a primeira vez em que ouviu falar sobre Ética no curso foi nas aulas de Estágio de observação/atuação, no 2º ano. Já durante o curso, recordam ter abordado questões éticas nas disciplinas de Filosofia, no 3º ano, Dinâmica de Grupo e Pesquisa em Musicoterapia, no 4º ano.

A ética tem que fazer parte da nossa educação, da nossa formação. Não só universitária, mas na escola ou desde que a gente já forme uma questão de juízo de valores. Teríamos que ter contato com isso sabe, com o que é ético e com o que não é. [...] Não sei se a gente tem este contato, pois tudo o que a gente está falando é senso comum sabe. Talvez, poderia ser construído na nossa formação algo mais voltado, mais direcionado, que saia um pouco do senso comum (Cecília, encontro 1).

A fala acima confirma que não há no currículo da instituição uma disciplina que promova a reflexão exclusiva da Ética. O grupo atribui seus conhecimentos éticos aos âmbitos da vida com a família, às “referências que a gente tem aqui [dos professores do curso]” (Eva, encontro 2), e ao “senso comum que também constrói a Ética” (Pietra, encontro 1), indo ao encontro do que Aristóteles defendia acerca da educação moral pela família, o viver comum e a busca pelo bem (SILVA, 2001). Portanto, há um consenso do grupo que evidencia um pressuposto da pesquisa de que a Ética é estudada transversalmente durante o curso, sendo seu conteúdo diluído na prática, conforme Pietra menciona:

Eu acho que, as matérias não trazem o nome Ética, mas por trás disso, estão sempre trabalhando a Ética. O Código de Ética do musicoterapeuta, que fala sobre estar sempre se atualizando junto com as pesquisas e tudo mais. Isso a gente vem aprendendo sempre, querendo ou não faz parte da Ética, mas não estamos falando, ‘Ah! Estamos dando a Ética’ (Pietra, encontro 3).

É interessante notar que na análise dos dados do grupo focal foi percebido pelas integrantes que os relatos de contato com a reflexão ética no curso têm estreita relação com as disciplinas de estágio, tal como na percepção de Bruna de que “a Ética está em relação com a prática” (encontro 3). Revelou-se que os conteúdos éticos com os quais os estudantes tiveram contato até então, contribuem para avaliar a própria conduta, “porque você começa a reavaliar sua postura com o paciente e contextualizar o momento.” (Bruna, encontro 3).

As estudantes, entretanto, teceram críticas ao fato de que, nas investigações mais diretas sobre a Ética durante a formação acadêmica, predomina a explanação do caráter normativo, a ser discutido adiante. Apontam, ainda, para a não apropriação do Código de Ética pelos estudantes, o que não possibilita a codificação e a decodificação do documento próprio de um pensar crítico.

Tal apontamento é delineado na fala de Eva: “No estágio também aparece a questão ética, mas de um jeito meio chato [...], nada que seja de

dentro pra fora sabe, tipo um monte de regras e depois a gente é avaliado no final”(encontro 3). A fala transcrita apresenta ainda uma segunda ponderação sobre a avaliação da postura ética, presente nas fichas de avaliação no final de cada período de estágio, e que apontam para um cuidado com a Ética que não é aprofundado em sala de aula.

A fala da estudante remete ao conceito de educação bancária construído por Freire (2005), como sendo uma transmissão passiva dos conteúdos, transmitidos como imutáveis e que, mesmo não intencionalmente, dificultam a formação de indivíduos (e profissionais) críticos, construtores de diálogo. Contra a educação bancária há a educação conscientizadora como prática da liberdade. Paulo Freire “entendia que seria necessária uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (SILVA, 2000, p.183), que contribuísse para a aprendizagem da democracia¹⁵.

Na produção científica sobre Musicoterapia, encontram-se autores que dialogam com os conceitos defendidos por Paulo Freire, como Volpi que sustenta que a qualificação dos docentes de Musicoterapia é significativa “para a sociedade e para a formação de musicoterapeutas críticos, reflexivos e transformadores”(2006, p.126). Conclui dizendo que “[...] o conhecimento gerado no âmbito acadêmico deve, de alguma maneira, retornar à sociedade, em benefício desta, e contribuir para o desenvolvimento de uma vida comunitária mais equilibrada, sustentável e justa” (2006, p.126). É um processo de humanização possível por meio da reflexão e da prática da Ética (VÁZQUEZ, 1975; FREIRE, 1994).

[...] faz-se cada vez mais necessário discutirmos a conduta dos homens; compreender quem somos e o momento histórico em que vivemos; isto nos ajudaria a aprimorar nossas vidas, a vida de nossas instituições (públicas, civis, industriais, comerciais etc.) e, conseqüentemente, aprimorar todas as nossas relações. Relações com o próximo, com o mundo e tudo que nele habita (MEIRA, 2006, p.104).

¹⁵ Esta nota visa esclarecer que a questão da democracia é considerada relevante no debate da Ética. Porém, não consistiu num eixo de análise do grupo focal e, portanto, o desenvolvimento do tema fica reservado para trabalhos futuros.

Não é difícil reconhecer aqui, nos estudantes, uma insegurança em definir a Ética, o que fica justificado pelo modo não sistematizado da educação da Ética no universo em estudo. Reforça essa ideia, o fato de a Ética, como disciplina, não fazer parte da grade curricular da maioria dos cursos brasileiros de Musicoterapia.

ÉTICA NORMATIVA

42

A Ética é alguma coisa própria do ser humano, os animais não discutem Ética. É uma questão nossa... é da humanidade, porque eu sou humano, preciso entender até onde eu posso ir e até onde eu não posso (Eva, encontro 2).

Os estudantes de Musicoterapia reproduzem, no grupo focal, falas que contestam o aspecto normativo que a Ética pode adquirir: “a forma como os Códigos de Ética colocam, parece algo imposto, sabe” (Cecília, encontro 4). A Ética não visa propor uma ação normatizadora para cada ação concreta, mas, a partir das ações concretas construir a reflexão investigando os atos humanos “que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto” (VÁZQUEZ, 1975, p.14).

Para estas relações humanas, vão se estabelecendo normas regulamentadoras “de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal” (VÁZQUEZ, 1975, p.69). Assim, ser ético não implica em respeitar e seguir leis, assim como não implica em fazer aquilo que é aceitável pela sociedade “pois uma sociedade inteira pode se tornar eticamente corrupta” (MEIRA, 2006, p.29).

Conciliando estas reflexões com a Musicoterapia, pode-se pensar que, apesar dos códigos de Ética da profissão aproximarem os musicoterapeutas de uma prática ética, isto não determina profissionais éticos, considerando ainda, que os próprios profissionais formulam os códigos. Como diz Eva, “Não é a regra que diz quem eu sou, fui ‘eu’ quem fez a regra, a Ética está para o humano, não o humano para a Ética” (encontro 2), o que indica uma

apropriação dela, encarando-a como produção humana (FREIRE, 2005). É reconhecida a necessidade das regras, desde que a escolha de respeitá-las parta de uma consciência moral: “Até como você tem que se submeter à normas, é seu jeito ético de ser” (Bruna, encontro 2).

Especificamente na discussão sobre o Código de Ética, as participantes pontuam a dificuldade em seguir as regras quando não há condições concretas para agir conforme o código:

Art. 13 - É dever do musicoterapeuta manter seu material de uso para atendimentos higienizado, mantendo e zelando pela segurança do indivíduo atendido. (Capítulo II – Sessão I, Código de Ética da AMT-PR)

Muitas vezes a gente não consegue cumprir esse nosso dever, mesmo porque a estrutura do lugar não permite (Cecília, encontro 4).

Um segundo apontamento trata sobre a dificuldade em se respeitar, com consciência, o código, por não se ter conhecimento da história do documento e da função social de cada artigo estabelecido. As participantes também observam que um artigo complementa o outro, mas, que por vezes, há a dificuldade em articulá-los, o que retira seu sentido. Por último, o grupo reconhece um distanciamento entre a teoria e a prática do código da profissão. Uma estudante percebe este distanciamento como a exigência de um ideal que diz não ser alcançado na prática, trazendo o Código de Ética como “um lugar do sonho, né, da Musicoterapia como um sonho” (Mariah, encontro 4).

Vázquez (1975) esclarece que as generalizações de experiências anteriores e suas consequências produzem regras formais que visam determinar comportamentos, orientando situações particulares. Deste modo, as participantes consideram a necessidade do Código de Ética, que tem caráter normativo. Mas acrescentam que há mais para ser desenvolvido no próprio código, assim como no modo como é interpretado e aplicado.

As nossas discordâncias são muito sutis. Não é nada que ‘vamos queimar o documento!’, mas até para enriquecer. E como seria a sociedade sem o Código de Ética? Como ela foi. Pois não existia há 40 anos atrás, e por isso foi preciso fazer o que temos por enquanto (Eva, encontro 4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fiz o desenho do elefante com asas porque até a pessoa que mais tem o pé no chão, que é pesada, recebe asas da borboleta, pra ir além, para transformar (Pamela, encontro 4).

Compreende-se que os estudantes entram em contato com a reflexão sobre a Ética por um âmbito individual, desenvolvido na família e no convívio social. Então, no decorrer da formação desenvolvem uma ética profissional, construída a partir das atuações nos estágios, da própria referência na postura dos docentes musicoterapeutas e do estudo transversal da Ética durante o curso. Estes elementos permeiam, assim, suas práticas como musicoterapeutas, na busca de um compromisso com a qualidade de vida humana.

No entanto, predomina uma compreensão individualizada da Ética, tanto no que se refere à moral quanto à ética profissional, tendendo para um a-historicismo. Mas, longe de se estabelecer uma dicotomia entre individual e coletivo, propõe-se sua superação ao entender o coletivo como um processo formado dialeticamente por sujeitos singulares.

Não se desconsidera o predomínio dos empreendimentos individuais. Todavia, se anseia pela sua superação a partir de estudos mais aprofundados da Ética nas instituições de ensino e organizacionais da Musicoterapia, pois, como os dados da pesquisa trazem, apenas três das nove instituições de ensino incluem a Ética no currículo como matéria específica, e somente uma das onze associações brasileiras de Musicoterapia apresenta alterações no seu Código de Ética sugerido pela UBAM, o que pode apontar para a necessidade de uma formulação melhor.

Assume-se que toda pesquisa é permeada por uma função social, e que, ao isolar uma parte da realidade também se intenciona transformá-la, assim como produzir conhecimentos e motivar uma reflexão crítica. Por meio do grupo focal, a reflexão teórico-prática acerca da Ética foi motivada a ponto de surgirem propostas das participantes para que este debate seja continuado no

curso, seja pela abertura de uma disciplina, um projeto de extensão ou pela própria ação estudantil. O trabalho ainda promoveu uma oportunidade de aprofundar os questionamentos quanto à Ética e a sua incorporação na prática profissional e na vivência pessoal da própria pesquisadora.

Concebe-se a Ética para além de uma contemplação distante da prática, como a própria prática, vinda de uma necessidade concreta, construída pela ação humana. Isto implica no modo como o ser humano compreende o mundo e se posiciona na realidade em que vive, na perspectiva de que a relação dialética entre reflexão e prática da Ética no campo da Musicoterapia contribui na reprodução e manutenção do campo, pois exige ação política dos atores e reflexão crítica da própria ação. Assim, questionar nosso cotidiano a partir da Ética contribui para a Musicoterapia enquanto ensino, ciência e profissão.

Assim, compreendemos que a Ética, ao pôr em confronto os costumes, indaga tudo aquilo que está ou não sob critério de decisão do sujeito, implica na reflexão da liberdade e da autonomia, no sentido de ser capaz de inventar a própria vida e dar asas ao elefante, ou então, dar pés para quem já tem asas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Ética**. Trad. Cássio Mota. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

_____. **Ética a Nicômaco**. Trad. José Américo Motta. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ASSOCIAÇÃO BAIANA DE MUSICOTERAPIA. **Código de Ética da Musicoterapia sugerido pela UBAM**. Sem data. Disponível em: <http://www.asbamt.com/>. Acesso em: 10 mai. 2013.

ASSOCIAÇÃO DE MUSICOTERAPIA DO PARANÁ. **Código de Ética da AMT-PR**. Outubro de 2011. Disponível em: <http://amtpr.files.wordpress.com/2011/11/cc3b3digo-de-c3a9tica-modificado-aprovado-em-assembleia.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2004.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 141-158, 2000.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 23. ed., 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42. ed., 2005.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GOMES, M. E. S; BARBOSA, E. F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. Educativa - Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais, 1999. Disponível em: www.dppg.cefetmg.br/mtp/textos.htm. Acesso em: 01 jun. 2013.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação**. Ribeirão Preto, v.12, n.24, p.149 -162, 2003.

JUNIOR, J. D. da S.; SÁ, L. C. de; BACHION, M. M. Interfaces entre musicoterapia e bioética. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano XI, n.9, 2009.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. Edição bilíngue. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MEIRA, A. C. H. (org). **Ética: ensaios interdisciplinares sobre a teoria e a práticas profissionais**. São João da Boa Vista: UNIFEQB, 2006.

NALINI, J. R. **Ética geral e profissional**. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

RUUD, E. **Music Therapy: improvisation, communication, and culture**. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998. pp.101-111, tradução e adaptação livre: Rosemyriam Cunha.

SANTOS, M. da S. **Contemporaneidades e produção de conhecimento: a invenção da profissão de musicoterapeuta**. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Psicossociologia e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa EICOS. Orientadora: Rosa Maria Ribeiro Leite Pedro. Disponível em:

http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arqanexos/arqteses/marcellosantos_dout.pdf Acesso em: 11 out. 2013.

SANTOS, M. A. C. Ética na pesquisa em Musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano IX, número 7, 2004.

SCHAPIRA, D. Teoria, lenguaje y Ética em Musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano1, n. 1, 1996.

SILVA, A. da. **Formação da consciência ética profissional em Psicologia**. Campo Grande: UCDB, 2001.

SILVA, E. B. da. Educação como prática da liberdade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 14, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82000000200016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 ago. 2013.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2013.

TRIBUNAL INTERNACIONAL DE NUREMBERG. **Código de Nuremberg**. 1947. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/nuremcod.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

VALLS, A. L. M. **O que é Ética**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 2.ed. Trad. João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

VOLPI, S. M. O. B. **Razão e sensibilidade**: caminhos para formação do professor musicoterapeuta. Curitiba, 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná.